

Anomia, Autoritarismo e o Nó do Patriotismo: Por que a Ciência e a Democracia Precisam Uma da Outra

*Dra. Ana Raquel Rosas Torres
Universidade Federal da Paraíba
INCT-Preconceitos
Coordenadora*

1. O Sintoma da Crise: O que é a Anomia e por que ela assusta tanto?

Sabe aquela sensação de que, de repente, o mundo perdeu o rumo? Como se as regras de convivência já não servissem para muita coisa, como se ninguém mais se entendesse na fila do mercado, no grupo da família ou nas redes sociais, e como se as instituições não dessem conta do básico? Se você já sentiu isso, não está sozinho.

Essa sensação não é apenas mau humor coletivo. Na Psicologia Social, ela recebe o nome de **anomia**. Em termos simples, é quando muita gente passa a perceber que a sociedade perdeu referências: as regras parecem frágeis, as instituições parecem distantes e fica difícil saber em quem confiar.

Esse clima costuma abrir espaço para a ideia de “ordem a qualquer custo”. É aí que o **autoritarismo** ganha força: a aceitação de decisões rígidas, pouco diálogo e a expectativa de que um “líder forte” resolva tudo sem ser questionado. Em situações assim, também fica mais fácil confundir amor pelo país, isto é, patriotismo, com rejeição a quem pensa diferente ou vem de fora, algo mais próximo do nacionalismo.

Para entender a anomia na prática, pense no trânsito de uma grande cidade quando todos os semáforos queimam ao mesmo tempo. No começo, as pessoas hesitam. Depois, quem é mais afoito avança. Logo em seguida, reina a lei do mais forte: buzinas, xingamentos, carros

cruzando a preferencial e um nó completo na avenida. Ninguém sabe de quem é a vez, e a confiança de que o outro vai parar desaparece.

A anomia social é esse “semáforo quebrado” aplicado às regras da vida em sociedade. A ideia nasceu na sociologia, mas pesquisadores da Psicologia Social, como Teymoori e colegas (2016), mostram que ela também aparece como uma sensação vivida pelas pessoas no dia a dia. Em geral, envolve dois sentimentos principais:

- **O colapso da estrutura social:** A percepção de que os governantes, as leis e o sistema não funcionam mais e não garantem a ordem.
- **O colapso do tecido moral:** A sensação de que as pessoas perderam a empatia, a honestidade e não são mais confiáveis.

Quando as pessoas começam a sentir que a justiça falha, que as regras mudam conforme o interesse de quem manda e que o futuro fica cada vez mais imprevisível, a anomia cresce. Isso pesa porque ninguém consegue viver bem no caos por muito tempo. A gente precisa de alguma estabilidade para planejar a vida, cuidar da família e trabalhar. Como apontam Lima e França (2021), em momentos de crise no Brasil, essa sensação de desordem enfraquece a confiança nas instituições democráticas, como o STF, o Congresso e a imprensa.

Quando a anomia se espalha, a busca por respostas rápidas aumenta. E, nesse ponto, aparece um ingrediente especialmente delicado da política contemporânea.

2. O Apelo da Mão de Ferro: Autoritarismo e a Promessa de Ordem

Imagine que você está em um navio no meio de uma tempestade assustadora. O capitão parece perdido, a tripulação está gritando e a água está entrando no porão. De repente, surge alguém na ponte de comando, dá um soco na mesa e grita: *"Calem-se todos! Eu sei exatamente o que*

fazer. Se vocês me obedecerem sem questionar e expulsarem aqueles três tripulantes ali do fundo, eu salvo este navio!"

Em momentos de medo, muita gente passa a aceitar com mais facilidade uma autoridade que fala firme e promete resolver tudo. O discurso autoritário costuma oferecer uma promessa simples e sedutora: acabar com a incerteza, apontar culpados pelo caos e devolver uma suposta “ordem perdida”.

Lima e colegas (2022) estudaram justamente a ligação entre anomia e apoio a líderes autoritários no Brasil. O achado central é direto: quando as pessoas sentem que a sociedade está sem rumo e sem regras confiáveis, aumenta o desejo por lideranças fortes, duras e centralizadoras.

Na Psicologia Social, autoritarismo não é apenas um tipo de regime político, com censura, repressão ou tanques na rua. Ele também aparece como uma forma de perceber o mundo e se relacionar com os outros. Modesto e colegas (2025) destacam três pilares importantes:

- **Submissão autoritária:** O desejo de se submeter cegamente a autoridades percebidas como legítimas.
- **Agressão autoritária:** A vontade de punir severamente quem desvia das regras ou é rotulado como "inimigo".
- **Convencionalismo:** A adesão estrita a valores tradicionais, rejeitando a diversidade e a mudança.

Durante a crise sanitária da COVID-19 no Brasil, por exemplo, a gestão federal entrou em conflito frequente com conselhos científicos e órgãos de saúde. O relatório final da CPI da Pandemia, aprovado pelo Senado Federal em outubro de 2021, pediu o indiciamento de diversas

autoridades públicas por charlatanismo, incitação ao crime e crimes contra a humanidade, especialmente pela promoção de tratamentos ineficazes e pelo desestímulo à vacinação (G1, 2021).

Pela lente da Psicologia Social, ataques recorrentes às evidências médicas, em um contexto já marcado por medo e incerteza, tendem a aprofundar a sensação de colapso. A tempestade fica ainda mais ameaçadora quando até os instrumentos de orientação passam a ser desacreditados. Assim, quando a confiança nas instituições políticas e de saúde se enfraquece, abre-se espaço para uma narrativa de comando centralizado. A alternativa ao naufrágio passa a parecer, para parte da população, a entrega do leme a alguém que promete controle total.

O estudo de De Souza e colegas (2025) também ajuda a entender esse processo. Em vez de tratar crenças políticas como algo que surge do nada, os autores mostram que elas têm relação com medos, inseguranças e necessidades de proteção. Quando o ambiente parece instável, algumas pessoas se agarram com mais força a tradições, autoridades e respostas simples para problemas complexos.

3. Quem Somos Nós? A Identidade Social e o risco das divisões “nós versus eles”

Para entender como o autoritarismo se alimenta das nossas emoções, vale dar um passo atrás e olhar para a forma como construímos a própria identidade. Se alguém pergunta “quem é você?”, a resposta quase sempre passa pelos grupos dos quais fazemos parte: “sou brasileiro”, “sou médico”, “sou torcedor do Flamengo”, “sou professor”, “sou cristão”.

A Teoria da Identidade Social mostra que uma parte importante da nossa autoestima vem dos grupos dos quais fazemos parte. Costumamos valorizar mais quem pertence ao nosso grupo e, às vezes sem perceber, podemos olhar com desconfiança para quem está fora dele.

Leite (2016), ao discutir a identidade nacional brasileira, mostra que a ideia de “ser brasileiro” foi sendo construída ao longo do tempo. Ela não é fixa nem igual para todo mundo. Por isso, quando essa identidade vira motivo de disputa ou ameaça, cresce a lógica do “nós contra eles”, que costuma deixar muita gente de fora.

Barros e colegas (2017) observaram esse fenômeno em um caso bem concreto e polêmico no Brasil: as atitudes de estudantes de medicina em relação ao programa "Mais Médicos". O estudo mostrou um favorecimento claro do próprio grupo. Muitos estudantes e profissionais locais avaliavam de forma hostil a chegada de médicos estrangeiros, percebidos como ameaça a privilégios, status e padrões corporativos. Em muitos casos, a defesa da identidade profissional e grupal acabava pesando mais do que as necessidades de atendimento básico das populações vulneráveis.

Essa discussão leva a uma pergunta importante: em que momento o amor legítimo pelo país começa a virar rejeição ao outro?

4. Amor ao país ou rejeição ao outro? Patriotismo versus nacionalismo

No cotidiano, muita gente usa “patriotismo” e “nacionalismo” como se fossem sinônimos. Bandeira, hino e camisa verde-amarela acabam parecendo expressões de um mesmo sentimento. Na Psicologia Social, porém, essa diferença importa. Leite e colegas (2018) fazem essa distinção no contexto brasileiro:

- **Patriotismo:** É o carinho, o orgulho e o compromisso com o próprio país, sem precisar diminuir outros povos ou grupos. A pessoa patriota quer que o país melhore, respeita a democracia e consegue criticar erros do governo justamente porque deseja o bem coletivo.

- **Nacionalismo:** É quando o orgulho pelo país vira ideia de superioridade e exclusão. O nacionalista tende a achar que sua nação é melhor que as outras e que pessoas vistas como “diferentes” — imigrantes, minorias ou opositores — são ameaças.

O estudo de Laundry (2019) encontrou uma relação forte entre nacionalismo e autoritarismo no Brasil. Enquanto o patriotismo pode conviver com a crítica, a democracia e o respeito às diferenças, o nacionalismo costuma se aproximar do controle, da intolerância e da rejeição aos direitos humanos.

Essa dinâmica aparece com força quando olhamos para as reações sociais à imigração. Barros (2016) e Barros e colegas (2021) investigaram o papel do preconceito e da identidade patriótica diante da chegada de profissionais qualificados ao Brasil. Os estudos indicam que, quando o apego ao país vem marcado por uma visão nacionalista rígida, imigrantes passam a ser vistos como ameaça simbólica e econômica. Já quando predomina uma identidade patriótica mais inclusiva, a chegada de novos conhecimentos e culturas tende a ser percebida como ganho para o país.

5. O nó cego: como esses conceitos se entrelaçam na realidade brasileira

Quando juntamos todas essas ideias, fica mais fácil entender algumas tensões do debate público brasileiro nos últimos anos:

1. **A Crise gera Anomia:** Crises econômicas e escândalos institucionais geram a sensação de que as leis não valem nada e de que a moralidade ruiu (Lima & França, 2021).
2. **O Medo ativa a Identidade Social:** Para reduzir a ansiedade do caos, o discurso político polarizador divide a sociedade entre o "cidadão de bem" (endogrupo) e os "inimigos" (exogrupo).

3. **O Patriotismo é sequestrado pelo Nacionalismo:** O amor genuíno pelo país é transformado em um ufanismo agressivo, chauvinista e essencialista (Laundry, 2019; Leite e colegas, 2018).
4. **O Autoritarismo surge como "Solução":** Sob o manto da emergência e da defesa da pátria, líderes autoritários prometem restaurar a ordem suprimindo garantias constitucionais, atacando a imprensa e descredibilizando a ciência (De Souza e colegas, 2025; Lima e colegas, 2022).

Um exemplo claro dessa tensão ocorreu em agosto de 2019, quando o então diretor do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), Ricardo Galvão, foi exonerado depois que o instituto divulgou dados de satélite indicando aumento do desmatamento na Amazônia (G1, 2019). O episódio mostra como governos com traços autoritários podem tentar desqualificar dados científicos quando eles entram em conflito com a narrativa oficial.

6. A Via de Mão Dupla: Por que a Ciência precisa da Democracia e a Democracia precisa da Ciência?

Diante desse cenário, a pergunta central é inevitável: qual é o papel da ciência e da democracia quando a anomia e o autoritarismo ganham espaço? A resposta passa por uma relação de dependência mútua: uma precisa da outra.

A) Por que a Ciência precisa da Democracia?

A ciência não cresce bem em um ambiente de medo, censura ou obediência cega. Fazer ciência é poder perguntar, testar ideias, discordar, errar, corrigir o caminho e publicar resultados sem perseguição. Em governos autoritários ou nacionalistas radicais, a ciência pode ser pressionada a servir apenas ao discurso oficial. Dados sobre queimadas, pobreza, vacinação ou desigualdade podem ser escondidos ou atacados quando incomodam. A democracia ajuda a proteger a

autonomia das universidades, a liberdade de expressão e o espaço para que pesquisadores trabalhem com independência.

B) Por que a Democracia precisa da Ciência?

Uma democracia sem ciência fica sem bússola. Ela se torna mais vulnerável a fake news, teorias da conspiração e discursos que parecem simples, mas distorcem problemas reais. Para votar com consciência e participar da vida pública, as pessoas precisam de informações confiáveis, e não apenas de opiniões inflamadas. A ciência ajuda a compreender problemas sociais e a formular políticas públicas melhores na saúde, na educação e na segurança. Quando o debate público abandona as evidências, o caos aumenta — e isso alimenta novamente o ciclo da anomia e do autoritarismo.

A Psicologia Social nos ajuda a olhar para esses processos com mais clareza. Ela mostra como o preconceito funciona (Barros, 2016), como certas ideias autoritárias podem aparecer na educação (Modesto e colegas, 2025) e como a anomia pode empurrar pessoas para soluções autoritárias (Lima e colegas, 2022). Em outras palavras, a ciência oferece ferramentas importantes para defender a própria democracia.

7. Tabela Resumo dos Conceitos Teóricos

Conceito Teórico	Definição Central na Psicologia Social	Impacto no Comportamento Social e Político
Anomia	Percepção psicológica do colapso das regras sociais, das leis e da moralidade coletiva (Teymoori e colegas, 2016).	Gera desesperança, desconfiança nas instituições e atração por lideranças autoritárias (Lima & França, 2021).
Autoritarismo	Orientação baseada na submissão cega à autoridade, agressão a desvios e adesão estrita a convenções (Modesto e colegas, 2025).	Incentiva a supressão do contraditório, a rigidez ideológica e a rejeição da ciência crítica (De Souza e colegas, 2025).
Identidade Social	Construção do autoconceito a partir do pertencimento a grupos e da diferenciação endogrupo/exogrupo ((Tajfel & Turner, 1986).	Pode levar ao favoritismo do próprio grupo e ao preconceito contra grupos externos (Barros e colegas, 2017).
Patriotismo	Amor e orgulho construtivo pelo país, com apego inclusivo e respeito às instituições democráticas (Leite e colegas, 2018).	Favorece a coesão social, a solidariedade e a colaboração internacional sem chauvinismo (Barros e colegas, 2021).
Nacionalismo	Crença na superioridade da própria nação, baseada no essencialismo e na rejeição de outros grupos (Leite e colegas, 2018).	Associa-se fortemente ao autoritarismo, à xenofobia, ao isolacionismo e à rejeição a imigrantes (Laundry, 2019).

8. Referências

- Barros, C. M. D. L. (2016). *O papel do preconceito e de fatores identitários na oposição aos imigrantes qualificados* (Tese de doutorado, Universidade Federal da Paraíba). Repositório Institucional UFPB.
- Barros, C. M. D. L., Pereira, C. R., & Torres, A. R. R. (2021). Preconceito e identidade patriótica face à imigração de médicos. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 21(1), 73–93. <https://doi.org/10.12957/epp.2021.59288>
- Barros, C. M. D. L., Torres, A. R. R., & Pereira, C. R. (2017). Atitudes de estudantes de medicina face ao "Mais Médicos" revela favorecimento endogrupal. *Psico*, 48(1), 12–21. <https://doi.org/10.15448/1980-8623.2017.1.23846>
- De Souza, L. E. C., de Lima, T. J. S., Pereira, C. R., Maia, L. M., Moreira, P. D. L., Biermann, M. C., & Jost, J. T. (2025). Political ideology as historically situated motivated social cognition: Understanding right-wing conservatism in Brazil. *Journal of Social Issues*, 81, e70048. <https://doi.org/10.1111/josi.70048>
- G1. (2019, 2 de agosto). Diretor do Inpe é exonerado após críticas de Bolsonaro a dados do desmatamento. *G1 Meio Ambiente*. <https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/02/diretor-do-inpe-exonerado.ghtml>
- G1. (2021, 26 de outubro). CPI da Covid aprova relatório final que pede indiciamento de Bolsonaro e mais 77 pessoas; veja próximos passos. *G1 Política*. <https://g1.globo.com/politica/cpi-da-covid/noticia/2021/10/26/cpi-da-covid-votacao-relatorio-final.ghtml>
- Laundry, H. (2019). *Sobre o contexto político brasileiro: Correlação entre nacionalismo e autoritarismo* (Trabalho de Conclusão de Curso, Centro Universitário de Brasília).
- Leite, E. L. (2016). *Em busca da identidade nacional brasileira* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba). Repositório Institucional UFPB.
- Leite, E. L., Ferreira, A. S. S., Batista, J. R. M., Estramiana, J. L. A., & Torres, A. R. R. (2018). Nacionalismo, patriotismo e essencialismo na construção da identidade nacional brasileira. *Temas em Psicologia*, 26(4), 2063–2075. <https://doi.org/10.9788/TP2018.4-14Pt>
- Lima, M. E. O., & França, D. X. (2021). Crisis, anomie and trust in institutions in Brazil. *Revista de Psicologia Política*, 21(52), 630–645.
- Lima, M. E. O., Almeida, J. N., França, D. X., & Santos, I. J. (2022). O surgimento de líderes autoritários: Significados das posições direita-esquerda e sentimento de anomia. *Revista de Psicologia Política*, 22(55), 449–468.
- Modesto, J. G., Santos, L. M. A., Ribeiro, G. M., & Siqueira, E. P. (2025). Conservadorismo na educação: análise a partir da orientação à dominância social e ao autoritarismo. *Retratos da Escola*, 19, 1141–1154. <https://doi.org/10.22420/rde.v19.1141>
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup behavior. In S. Worchel & W. G. Austin (Eds.), *Psychology of intergroup relations* (2nd ed., pp. 7–24). Nelson-Hall.
- Teymoori, A., Jetten, J., Ariyanto, A., Ayub, N., Besta, T., Costa-Lopes, R., Finchilescu, G., Gollwitzer, M., Gonzalez, R., Jensen, D. H., Kessler, T., Lima, M. E. O., Torres, A. R., & Wohl, M. (2016). Revisiting the measurement of anomie. *PLoS ONE*, 11(7), e0158370. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0158370>